



Universiteit
Leiden
The Netherlands

Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo

Rompay-Bartels, I.M.M. van

Citation

Rompay-Bartels, I. M. M. van. (2015, February 26). *Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo*. Retrieved from <https://hdl.handle.net/1887/32077>

Version: Corrected Publisher's Version

License: [Licence agreement concerning inclusion of doctoral thesis in the Institutional Repository of the University of Leiden](#)

Downloaded from: <https://hdl.handle.net/1887/32077>

Note: To cite this publication please use the final published version (if applicable).

Cover Page



Universiteit Leiden



The handle <http://hdl.handle.net/1887/32077> holds various files of this Leiden University dissertation.

Author: Van Rompay-Bartels, Ingrid Monique Maria

Title: Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo: Famílias nipo-brasileiras e as experiências de vida entre o Brasil e o Japão

Issue Date: 2015-02-26

Conclusão

Pode-se dizer que nada parece mais antigo na história do ser humano do que o próprio fenômeno migratório. Todavia, apesar de se constatar inúmeros artigos e livros de estudiosos das mais diversas áreas sobre o dinamismo desse fenômeno da história do ser humano, nota-se que o interesse pelo que se caracteriza como migração de “retorno” ainda é muito recente e restrito nos debates públicos e acadêmicos. Partindo desse contexto, esse é exatamente o propósito e a contribuição que se propôs nesta pesquisa sobre esse tipo de migração através do caso dos nipo-brasileiros, que “retornam” para a terra dos seus antepassados. Assim, as análises e resultados abordados nos capítulos anteriores levam-nos às seguintes conclusões.

Em primeiro lugar deve ficar claro o que se pretende dizer ao se utilizar o termo “retorno”, dado que não se trata aqui dos emigrantes. Não, esse é o termo associado a uma ideologia e estratégia do governo japonês. Nesse sentido, o “retorno” é o termo utilizado para se interpretar o movimento inverso dos descendentes da diáspora japonesa no além-mar para atender as necessidades da economia japonesa e manter o mito da “homogeneidade” da raça japonesa. Se o termo for explicado claramente dessa maneira para descrever esse fenômeno migratório inverso dos descendentes de japoneses, não restam dúvidas sobre a interpretação da ideologia por trás do seu uso. Contudo, de acordo com os resultados das análises, esse conceito enfraquece no decorrer dos anos por não poder incluir o resultado adicional, ou seja, dos que regressam ao Brasil. Ao se adicionar os imigrantes que regressaram, ou os que planejam o regresso ao se aposentarem, e os da segunda geração que sonham em migrar do Japão para o Brasil, tem-se então que se levar em consideração a descrição de um outro fenômeno migratório. Nesse caso tem-se características de um movimento migratório circular entre esses dois países. Aliás, essa é uma descrição que na sua concepção melhor inclui o dinamismo migratório dos descendentes de japoneses, que fazem parte de um movimento pendular entre os dois países.

Com relação à motivação, pode-se afirmar nesta pesquisa que ela reflete uma conjunção de aspectos, que emergem principalmente em decorrência da crise brasileira nas décadas de 1980 e início de 1990. Uma crise que atingiu esses nipo-brasileiros, que faziam parte da classe média e média baixa no Brasil, causando a perda do padrão de vida e a falta de perspectivas de futuro, independentemente do nível de formação escolar que essas pessoas tinham. É exatamente o senso de falta de perspectiva de melhora no país que se reflete na própria situação individual de privação econômico-social, sobretudo de alienação, como

cidadãos que precisam sair do país a fim de terem melhores perspectivas de vida e futuro. Essa possibilidade de se conseguir um futuro melhor surge através do “retorno”, quando esses migrantes enfatizam estrategicamente os vínculos sanguíneos da identidade japonesa para irem preencher as vagas das ofertas de trabalho que não exigem uma mão de obra qualificada.

Ao contrário do que se dá a entender nos trabalhos de Linger (2001), Roth (2002) e Tsuda (2003c) afirmo que diferentes aspectos mostram que esses nipo-brasileiros partem conscientes dos tipos de trabalhos que iriam exercer no Japão como *dekasegi*. Tal constatação se reflete nos fatos, de os migrantes estarem a par da relação dos custos e dos benefícios das diferenças de salários no Japão, em comparação com o Brasil; terem acesso à coleta de histórias das experiências de outros migrantes que partiram antes e que mostram que a migração representa uma possibilidade de se conseguir regressar capitalizados para o Brasil e de terem assim melhores oportunidades de vida, caso se submetam a trabalhos de mão de obra não qualificada. Estavam a par do papel dos recrutadores no Brasil que facilitam o movimento, mesmo para os descendentes de japoneses e cônjuges brasileiros, sem o mínimo de conhecimento da língua e da cultura. Por último tinham acesso às redes de contato social no Japão, as quais facilitam e interagem na motivação dos novos migrantes. Portanto, esses nipo-brasileiros migram conscientes dos tipos de trabalho que iriam exercer.

Ademais, apesar da motivação por trás desse movimento migratório ser principalmente a econômico-financeira, observa-se diferenças nas motivações agregadas à permanência no Japão. Assim, nota-se que para a metade dos informantes entrevistados essa migração é uma forma de experiência transnacional temporária. De forma geral, esses são os casos das famílias de imigrantes que investem na educação brasileira dos filhos no Japão; e dos que mencionam pretender regressar para o Brasil, quando os filhos terminarem os estudos na escola japonesa e se tornarem maiores. Acrescenta-se também a esse quadro os imigrantes temporários, as famílias que enviaram os filhos para estudar no Brasil e viverem com os familiares. A outra metade dos informantes mostra claramente aspectos de enraizamento, através da fixação de residência permanente no Japão. Esses são os imigrantes que possuem uma determinada afinidade com a cultura japonesa, ou que conseguiram se adaptar à vida nesse país. De forma geral, são os que conseguiram obter o contrato fixo e mais estabilidade econômico-financeira, tendo assim uma percepção positiva da vida que eles têm no Japão, mesmo que a maior parte continue realizando trabalhos de mão de obra não qualificada. Além disso, essas são também as famílias que têm a expectativa de que a escolha pelo Japão

proporcionará melhores oportunidades de futuro para eles e para os filhos. Essa percepção otimista dos informantes mostra um resultado diferente do quadro obtido por Linger (2001) e Tsuda (2003c).

De qualquer forma, é importante mencionar que, apesar das diferenças no desenvolvimento dos quadros das famílias nos estudos de casos, compreende-se que de forma similar todos migraram para o Japão com o objetivo inicial de uma migração temporária e econômico-financeira. Isso implica dizer que para uma parte desses imigrantes, o objetivo que os levou a migrar não modificou, apenas o prazo da permanência no Japão se prolongou, sobretudo, quando se leva em consideração a estrutura familiar, e o fato de o trajeto para se conseguir realizar esses planos ser mais lento.

Pode-se dizer que as diferenças nas motivações de como as famílias de imigrantes se adaptam ou não à vida no Japão tornam-se claras através das escolhas feitas dentro da estrutura familiar no decorrer dos anos. Assim, de acordo com as análises, mesmo que tenham obtido o contrato fixo, acesso a bens de consumo, e um determinado sentimento de segurança pessoal, constata-se que apenas a metade das famílias investem na compra da casa ou no futuro no Japão. Enquanto a outra metade prefere optar pela compra de bens imobiliários no Brasil, e/ou pela poupança para um regresso, que foi somente posposto. As decisões em torno do regresso mostram os fortes elos imateriais transnacionais das famílias, que estão separadas em dois continentes, assim como a dificuldade em conseguir se adaptar ao Japão totalmente, levando-os a continuar sonhando com o regresso, mesmo que seja quando se aposentarem. Tais constatações mostram as características de uma experiência transnacional e temporária, que finaliza ou não com o regresso para o Brasil, ou que se repete por ser uma estratégia dentro de um fenômeno migratório circular de migrantes com identidades que não são compostas por uma origem étnica única.

Por último, compreende-se nas análises que a crise econômica mundial de 2008 atingiu principalmente os imigrantes *nikkei* terceirizados no Japão (Fackler, 2009; Masters, 2009). Dentro desse quadro torna-se evidente a falta de uma política governamental, que vise aos direitos dos trabalhadores terceirizados, legalmente diferenciados dos japoneses. Como reação constata-se nesse período o regresso inesperado de quase 100,000 migrantes nipo-brasileiros do Japão para o Brasil. Apesar da vulnerabilidade desses imigrantes no Japão ser notável e visível nas notícias internacionais e mesmo nos relatos dos informantes da pesquisa, constata-se que apenas uma minoria desses imigrantes regressa para o Brasil com assistência do pacote

de “auxílio” do governo japonês. Tal resultado mostra que a maior parte dos imigrantes partem para o Brasil com recursos financeiros próprios.

Com relação à construção e percepção da identidade na migração de “retorno” deve-se levar antes de mais nada em consideração as implicações das generalizações dos resultados, quando refletem apenas as áreas onde emergem os enclaves étnicos, conhecidas como *Little Brazil* no Japão. Nota-se, principalmente, que os imigrantes que sentem uma determinada afinidade com os elementos da identidade japonesa não procuram enfatizar em público os elementos culturais da identidade brasileira. Apesar de se tornar claro nas esferas das relações sociais entre os japoneses e imigrantes nipo-brasileiros que as diferenças nas identidades se manifestam através da cultura, pode-se dizer que a identidade desses nipo-brasileiros não é fixa e imutável, uma vez que as identidades desses imigrantes possuem afiliações distintas, sobretudo, por terem como origem um quadro histórico baseado em duas culturas diferentes. Nesse sentido, a identidade se revela como uma entidade continuamente em construção, dado que, em conexão com outros nipo-brasileiros, ou brasileiros sem ascendência, o discurso de como ela se constrói varia. Esse resultado põe às claras, que a identidade também atua como uma entidade estratégica (Lesser, 2007), como se observa no “retorno” mesmo entre os descendentes que não sentem afinidade com a identidade japonesa, mas que apesar disso utilizam os vínculos sanguíneos para poderem migrar legalmente para o Japão, onde permanecem por um determinado espaço de tempo. Quer dizer, que a identidade adotada nas diferentes situações reflete a preferência entre as alternativas, que correspondem aos elementos do quadro histórico e cultural do indivíduo em questão, mostrando que a identidade oscila por causa dessas afiliações dentro do contexto das relações sociais.

Ademais, também se constata diferenças notáveis de como os imigrantes constroem a identidade no Japão, mesmo que compartilhem no “retorno” a mesma origem. Ora, sem dúvida, mesmo dentro de um grupo étnico haverá diferenças, seja em atitudes, ou em valores culturais (Eriksen, 1993: 143), posto que cultura é apenas um elemento na composição da identidade individual, e não um uniforme que se compartilha por igual, apesar de terem costumes e normas em comum. Assim, chama-se a atenção para o fato de que qualquer construção identitária depende da interpretação individual, de como essa entidade olha e reage nas relações sociais ao contexto e à sociedade dominante. Dentro desses parâmetros, constata-se na pesquisa a configuração de dois cenários em torno da construção dos elementos culturais que compõem e constroem a identidade. De um lado, um grupo que sente uma

determinada afinidade com os elementos culturais da identidade japonesa, e que procura se adaptar ao contexto mostrando atitudes e esforços voltados à integração. Tal resultado mostra os esforços de uma proporção de nipo-brasileiros que evitam conscientemente salientar as diferenças culturais em público, a fim de não chamarem a atenção negativa e serem estigmatizados como *gaijin* (estrangeiros). Essa é uma estratégia consciente, e proposital, que os diferencia também de outros conterrâneos que enfatizam a identidade brasileira no Japão.

Dentre os japoneses entrevistados foi possível estabelecer que a percepção que eles possuem perante a identidade dos nipo-brasileiros mostra um resultado com dois indicadores. Por um lado tem-se evidências claras que uma porcentagem dos japoneses possui um determinado sentimento de afinidade com relação aos imigrantes nipo-brasileiros, sobretudo, por eles serem descendentes de japoneses. Por outro lado, tem-se também resultados que indicam que uma parte da sociedade japonesa não sente nenhuma ligação ou afinidade com esses imigrantes, apesar de serem consanguíneos. Um resultado similar também se constata entre alguns dos informantes nipo-brasileiros com relação aos japoneses, apesar de serem exceções nesta pesquisa.

Pode-se dizer no entanto que os resultados mostram um quadro mais diversificado e também positivo sobre as percepções dos imigrantes após terem migrado, independentemente de quererem ou não permanecer no Japão. Fica então claro que as generalizações acadêmicas não fazem sempre jus às condições específicas de vida dos migrantes por não abrangerem todas as facetas desse processo.

Ademais, a meta neste estudo não é dizer se esses imigrantes são japoneses ou brasileiros, posto que eles reagem de maneiras diferentes nas relações sociais. Antes de mais nada, deve-se compreender que a identidade é nesses casos uma entidade composta por elementos culturais diferentes, os quais não podem ser divididos em partes, por exemplo, 30% japoneses e 70% brasileiros. As contradições nas construções da identidade continuam dentro das esferas de intercâmbio, mesmo após o choque do encontro étnico. São exatamente essas contradições nas falas dos informantes que, de acordo com a pessoa com quem falam, mostram a construção da identidade dos nipo-brasileiros como sendo uma entidade ambivalente, mutável por ser composta no seu passado por elementos que refletem aspectos de origens diferentes, atuando assim como entidade dinâmica e estratégica.

Um outro foco nesta pesquisa é de como esse processo migratório afeta e interage na estrutura familiar e no futuro dessas duas gerações de imigrantes. Principalmente, quando os

pais se deparam com o dilema em torno da escolha do ensino que se deva proporcionar aos filhos, que nesta pesquisa são na sua maioria nascidos no Japão. Um dilema que leva famílias de imigrantes a procurarem novas opções de futuro para os filhos. Pais nipo-brasileiros optaram por enviar os filhos para o Brasil para serem educados pelos familiares fora do Japão (Van Rompay-Bartels, 2010: 607). Essas crianças se juntam aos membros da família no Brasil, onde podem estudar e crescer com a língua e a cultura brasileira. Para os pais essa opção fortifica o sonho do regresso e da estada temporária no Japão enquanto eles continuam trabalhando para atingir a quantia almejada, a fim de regressarem capitalizados ao Brasil. Dentro das opções no Japão, constata-se que apenas uma minoria das famílias desta pesquisa opta por uma escola brasileira localizada em outra cidade, uma vez que Kandatsu não tem esse tipo de escola. A maior parte das famílias prefere escolher o ensino das escolas públicas japonesas, localizadas perto de suas casas. Sem dúvida, essa é uma decisão que está relacionada por um lado à incerteza perante o futuro, de não se ter ideia se a família irá ou não ficar no Japão. Por outro lado, as motivações dessas famílias de imigrantes mostram que os motivos principais por terem optado pelo ensino público japonês foram as diferenças nos preços, na qualidade, assim como na distância das escolas brasileiras disponíveis.

No sistema educacional japonês, entretanto, a aquisição da proficiência do idioma japonês torna-se um desafio para essa segunda geração de imigrantes, sobretudo, para os filhos que não se inserem desde o início no ensino japonês, mostrando assim dificuldades provenientes da falta de base na língua e na cultura. Esses são os casos que sugerem a indicação de uma probabilidade maior de deserção entre esses jovens. Um quadro preocupante no trajeto da pesquisa é que essa questão não é tão simples. Se, por um lado os pais não conseguem dar o auxílio necessário aos filhos, por não terem o conhecimento e nem a experiência no ensino japonês para poder assisti-los, por outro lado, o problema é maior ainda, sobretudo, quando se constata, que os pais possuem expectativas que nem sempre são compatíveis com a realidade dos filhos. Partem da presunção de que os filhos conseguem ter um bom desenvolvimento escolar por serem jovens e por terem aprendido a falar japonês. Entretanto, aprender a falar o idioma japonês não significa também que tenham o mesmo desenvolvimento no aprendizado da escrita e leitura dos caracteres. Assim como ir à escola não significa literalmente que eles estejam aprendendo. Ainda mais, quando se pode dizer que os dados nas análises indicam que as escolas japonesas não estão preparadas para lidar de forma adequada com a inserção dos filhos de imigrantes nipo-brasileiros no ensino japonês,

principalmente, quando eles possuem a desvantagem de terem um conhecimento limitado no idioma japonês. Quando essa segunda geração se encontra nessa situação, torna-se visível a reação não só de alienação e marginalização desses jovens, como também da manifestação da identidade adversa à sociedade dominante e/ou a revolta contra os pais. É o caso de três jovens que desertaram o ensino japonês. Esse é um resultado que expõe também o contexto no qual se desenvolve uma parte da segunda geração de imigrantes, que provavelmente terá a tendência, caso permaneçam no Japão, de serem o novo fluxo de trabalhadores nas áreas, que não exigem a qualificação de mão de obra. Essa é uma parte da segunda geração de imigrantes, que não domina adequadamente o idioma japonês, nem o português. Apesar disso, as evidências mostram que, mesmo com uma base fraca na língua portuguesa, esses filhos de imigrantes estão aptos a ler nesse idioma. Assim como muitos imigrantes da primeira geração, esses são os filhos de imigrantes que utilizam a mídia transnacional no Japão para conseguir acompanhar os acontecimentos no país. Nesse sentido, o papel da mídia transnacional não se limita aos imigrantes da primeira geração, uma vez que ela alcança também os filhos que estudam nas escolas brasileiras, ou aqueles que possuem uma base nesse idioma. Essa é a segunda geração que busca informações no idioma português por não conseguirem ler japonês.

Observa-se na pesquisa diferentes resultados em torno da integração dos filhos de imigrantes no ensino. Torna-se óbvio que esse processo de integração é menos difícil para os filhos de imigrantes que não possuem conflitos em torno da identidade. Esses são os que possuem o fenótipo, o nome japonês, e que se tornaram nativos na língua japonesa. As atitudes dos filhos desses imigrantes mostram que a construção da identidade é voltada para a japonesa. Essa é a segunda geração de imigrantes, que na sua maioria se distancia conscientemente das diferenças culturais associadas à identidade brasileira.

Para os mestiços e filhos de imigrantes com nomes estrangeiros, isso não é uma opção. A conscientização de serem diferentes dos japoneses, ou seja, de serem estrangeiros, *gaijin*, predomina como reação. Esses mestiços apresentam dificuldades maiores de integração no ensino japonês. De acordo com os dados, a probabilidade dessa segunda geração de imigrantes ter conflitos em torno da identidade é maior, principalmente, por causa do fenótipo mestiço ou por terem determinadas diferenças culturais. Esses conflitos expõem um resultado de marginalização, alienação e mesmo de *ijime (bullying)*, ocorrências que levam essa segunda geração de imigrantes a idealizar o sonho de um futuro melhor, sobretudo, fora do

Japão. São essas reações que mostram que ainda não está claro como o futuro dessa segunda geração irá tomar forma.

Afinal, a pergunta é como a segunda geração de imigrantes, de forma geral, irá se desenvolver no ensino, posto que, independente do fenótipo e da cultura, se inserir e continuar no ensino japonês não é garantia de futuro e nem de aprendizado, uma vez que não existe o sistema de repetição no Japão até o final do ensino médio. O futuro dessa segunda geração depende dos resultados de como esses jovens irão desenvolver a habilidade no idioma falado, mas sobretudo escrito e lido. Somente assim essa segunda geração estará apta e adequadamente preparada para poder competir com os japoneses. Caso isso ocorra, poderá se afirmar que o fenômeno do “retorno” se consolidará para essa segunda geração. Apesar de se compreender que para as famílias que optaram pelo ensino dos filhos na escola privada brasileira ou pelo ensino no Brasil, essas escolhas mostram probabilidades e perspectivas de se tratar mais de um fenômeno de migração circular.

Para os imigrantes da primeira geração pode-se dizer que a obtenção do contrato fixo no decorrer dos anos proporcionou um senso de estabilidade econômico-financeira e de perspectiva de futuro no país, apesar de a metade desses imigrantes ainda continuar planejando o regresso para o Brasil. Nota-se que para a outra metade, o contrato fixo passou a simbolizar o sonho de se conseguir ter uma vida melhor no Japão. Esse resultado se constata de fato, quando os imigrantes decidem se fixar no Japão. É através dos contratos permanentes, que os imigrantes passam a ter a possibilidade de emprestar dinheiro do banco para financiar o sonho da casa própria. Com suas economias de anos de trabalho duro, essas famílias decidem sair de seus pequenos apartamentos alugados, para realizarem o sonho da casa própria, agora, nas áreas das redondezas de Kandatsu no Japão.

Um outro ponto que cabe ressaltar é o fato de a migração de “retorno” dos nipo-brasileiros para o Japão não ser uma migração homogênea. Ao contrário dos resultados mencionados na literatura, constata-se aqui que a maior parte dos imigrantes, independentemente de idealizarem ou não o regresso para o Brasil, menciona ter um sentimento positivo perante a experiência migratória, mesmo após o choque cultural. Constata-se também casos individuais de imigrantes com uma percepção negativa do país e da experiência migratória. De qualquer forma é importante compreender que esses resultados mostram que se deve debater também sobre a heterogeneidade dos imigrantes envolvidos no

processo migratório, mostrando resultados menos generalizados, a fim de poder “enxergar” as diversas motivações intrínsecas que fazem parte da vida desses imigrantes.

Além do mais, em qualquer investigação há limitações e implicações que devem ser levadas em consideração para futuras pesquisas. É também o caso deste trabalho, que foi desenvolvido, principalmente, com uma abordagem qualitativa e com o estudo de casos múltiplos. Essa perspectiva de investigação permite que se analise em detalhe e profundidade os indivíduos que fazem parte da migração do fenômeno do “retorno”. Resultados que propõem aspectos sobre a vida dos imigrantes da primeira e segunda geração a serem investigados em outros contextos e/ou com outros métodos. Assim, algumas limitações devem ser reconhecidas. Uma limitação que pode influenciar o resultado é o fato de a pesquisa ter sido conduzida numa área que não é caracterizada pela brasilidade no Japão. É interessante considerar a possibilidade de se realizar uma pesquisa semelhante numa outra área de imigrantes no Japão, dado que os resultados podem ser diferentes, ou não. Logo, generalizações exigem considerações dos acadêmicos, por causa da diversidade das características e motivações dos imigrantes envolvidos neste fenômeno, que não é homogêneo nem mesmo nas áreas de alta concentração. Acadêmicos devem levar em consideração um experimento semelhante para se ter uma melhor compreensão do fenômeno da migração de “retorno” e de como a identidade e o transnacionalismo se constroem entre os imigrantes.

Futuras pesquisas devem também explorar o desenvolvimento do quadro da segunda geração de imigrantes nipo-brasileiros no Japão, de como será o desenvolvimento da identidade e da integração dos mestiços e dos que possuem o fenótipo japonês, sobretudo, após encerrarem os estudos do ensino médio, a fim de se estabelecer os imigrantes da segunda geração que conseguirão se desenvolver, a fim de concorrerem academicamente e profissionalmente com os japoneses no Japão. Ora, a pergunta é se eles conseguirão, diferentemente dos pais, obter a mobilidade socioeconômica no país. Ou, ao contrário, se essa segunda geração se tornará o novo fluxo de trabalhadores, que assim como os pais exercem os trabalhos que não exigem a qualificação de mão de obra.

É interessante acompanhar o desenvolvimento das transformações na economia japonesa, que sob as mais diversas formas, está diante de um desafio, por ter no momento a maior população mundial acima dos sessenta e cinco anos de idade¹²⁴ (*Statistical Research and*

¹²⁴ <http://www.stat.go.jp/english/data/kokusei/pdf/20111026.pdf>

Training Institute).¹²⁵ Devido ao aumento rápido da população inativa no Japão, tem-se uma prognose sombria e ainda mais crítica para o futuro do país, no que diz respeito a manter a sua posição econômica como a terceira economia mundial. Dentro desse contexto, acadêmicos devem procurar analisar como a política japonesa em torno da imigração se desenvolverá nos próximos anos. Em particular, em torno dos *nikkei*, por serem um fluxo de trabalhadores jovens e consanguíneos, num país com um forte declínio da população ativa, que visa sobretudo à “homogeneidade” da raça japonesa. Assim, qual será o papel que os imigrantes da segunda geração irão exercer dentro da sociedade japonesa no decorrer do desenvolvimento da economia japonesa nos próximos anos? Dentro desse contexto é interessante investigar os tipos de medidas que serão adotadas pelas instituições não governamentais assim como pelo governo japonês para facilitar o desenvolvimento dessa segunda geração de imigrantes no país.

¹²⁵ Com autorização da fonte.